



## **GÊNERO E IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO ESCOLAR**

Aline Vinholes – UFSM

### **Resumo**

As definições de masculino e feminino enfatizam o caráter social e histórico das concepções baseadas nos papéis designados para homens e mulheres. Através de suas relações sociais, suas representações e as práticas que vivenciam, os sujeitos vão se constituindo. O espaço escolar se define como ambiente extremamente importante nessa construção, considerando que a criança, além das informações que traz consigo, tem contato com diversas situações, representações e concepções diferentes. Nesse contexto, busca-se compreender de que modo as concepções sobre gênero vivenciadas pelas crianças podem interferir na construção das identidades de meninos e meninas, considerando o papel do professor como referência importante nessa construção. Dessa forma, a pesquisa qualitativa foi entendida como a melhor forma, neste percurso, de compreender as representações acerca das questões relacionadas ao gênero considerando, principalmente, o ambiente escolar, pois, a escola faz parte de uma trama de relações, apresentando grande responsabilidade na formação de referências, representações, subjetividades e identidades das crianças.

**Palavras-chave:** Relações de Gênero – Identidade – Espaço Escolar

### **Introdução**

Este estudo busca investigar e discutir as relações de gênero no contexto escolar através das representações construídas pelas crianças a partir das referências vivenciadas no contexto familiar e, principalmente, nos espaços educacionais. A partir da valorização da criança a respeito das interações que estabelecem, considerando as suas experiências, vivências, pensamentos e sentimentos, busca-se compreender como a criança percebe e desenvolve as suas concepções e representações a respeito das relações de gênero e as implicações presentes nesse processo.

As definições de masculino e feminino enfatizam o caráter social e histórico das concepções baseadas nos papéis designados para homens e mulheres. Através de suas relações sociais, suas representações e as práticas que vivencia, os sujeitos vão se constituindo.

O espaço escolar se define como ambiente extremamente importante nessa construção, considerando que a criança, além das informações que traz consigo, tem contato com diversas situações, representações e concepções diferentes. Nesse contexto, pretende-se compreender

de que modo as concepções sobre gênero construídas pelas crianças podem interferir na construção das identidades de meninos e meninas.

Diante de tais objetivos, tornou-se necessário a inserção no contexto escolar, buscando conhecer e investigar tais situações. Nesse caso, foi possível contar com uma instituição de Ensino Fundamental localizada em Santa Maria-RS.

O contato com a escola de Ensino Fundamental teve início e foi finalizado durante a disciplina de Inserção e Monitoria do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria, período em que foram realizadas observações e intervenções em uma das turmas da escola, onde foi possível uma aproximação de algumas vivências, pensamentos, dúvidas e concepções deste grupo de alunos referentes ao gênero. Neste caso, participaram do estudo vinte crianças que se encontravam na faixa etária de nove e dez anos.

A aproximação com a escola se apresentou como favorável no sentido de que foram surgindo situações consideradas interessantes e importantes para o desenvolvimento da pesquisa que estava sendo realizada, trazendo diversas contribuições. A ênfase é dada à criança, considerando que através das representações que ela expressa, é possível uma aproximação maior com os processos de construção de significados e re-significados que estão presentes nas relações de gênero e identidade. Porém, sem desconsiderar a figura do professor, já que a sua postura muitas vezes, é adotada como referência pelos seus alunos.

De acordo com Louro (1998) as relações pedagógicas que são construídas na escola estão carregadas de simbolizações por meio das quais as crianças aprendem normas, conteúdos, valores, significados, que lhes permitem interagir e conduzir-se de acordo com o gênero. Segundo a autora, a escola não apenas reflete as concepções de gênero que circulam na sociedade, mas ela própria as produz. Isto pode ser facilmente identificado através de situações que fazem parte das rotinas e passam despercebidas, como no caso das filas para meninos e filas para meninas, da designação de brinquedos para um e para outro, por meio de falas como: “Comporte-se, você é uma mocinha” ou “Nem parece um homenzinho chorando desse jeito”. Nessa perspectiva discursos e práticas presentes dão indícios de como assimilar os modelos de comportamento para que possam ser identificados e aceitos como masculinos ou femininos.

É possível, portanto, compreender a importância dos discursos produzidos e reproduzidos acerca das relações de gênero, considerando que servem como referência para as crianças, sendo significativos em relação à construção da imagem do que é ser menino e do que é ser menina.

De acordo com Louro (1998), as questões sobre gênero ganham espaço a partir das discussões e manifestações do movimento feminista que concebe o conceito de gênero como parte da formação da identidade do sujeito. É considerado, portanto, que não são somente as características biológicas que determinam a construção da identidade, mas as representações que se construíram pela sociedade ao longo da história acerca dessas características. Nas palavras de Louro: “[ ... ] a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (1998, p. 23).

Desde o seu nascimento meninos e meninas estão sujeitos a seguir um determinado comportamento, pois toda a cultura tem uma definição de conduta e sentimentos apropriados para homens e mulheres (LOURO, 1998). Geralmente, predominam as relações de poder para a determinação desses papéis persistindo a figura da mulher como subalterna ao homem. Nesse contexto, homens e mulheres têm seus papéis definidos na sua forma de atuar socialmente. Quando homens e mulheres não apresentam a forma de masculinidade e feminilidade exigidas e legitimadas socialmente, estão expostos a situações de rejeição.

Ao tratar sobre identidade é preciso considerar que apesar dessa temática estar sendo abordada frequentemente na atualidade, trata-se de um conceito "demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido" (HALL, 2003, p.8).

O desenvolvimento de nossas identidades tem início com a interação que estabelecemos com o meio em que vivemos e, portanto, de acordo com o universo social e cultural do qual fazemos parte. Seguindo esse raciocínio, a identidade se forma a partir de um processo de construção que se dá na interação com o outro, considerando as vivências, experiências, tornando-se assim passível de transformações ao longo de nossas trajetórias. Nessa compreensão, Melucci (2004, p. 46) afirma que “a aprendizagem não termina com o fim da idade evolutiva e nas diversas passagens da vida colocamos em questionamento e reformulamos a nossa identidade”.

De acordo com Melucci (2004, p. 50) “a identidade define a nossa capacidade de se reconhecer e de ser reconhecido”. Nesse processo os indivíduos precisam um dos outros para formar a sua própria identidade, pois não há como alguém construir a sua identidade independentemente das identificações concedidas pelos outros. É necessário que haja coerência entre a identidade atribuída e a identidade subjetivamente apropriada.

Essa importância de reconhecer e ser reconhecido, considerando as estruturas elementares de constituição da identidade, ocupa um espaço importante desde a interação

primária vivida na infância. Pois, as relações que fazem parte da construção de nossas identidades giram em torno das alternativas possíveis e limites impostos em todos os espaços, tendo início nas redes de socialização primárias como a família e a escola e, posteriormente, na vida social em geral.

É a partir dessa capacidade dialética de reconhecer e ser reconhecido que são estabelecidos os critérios que definem se os indivíduos podem ser aceitos ou não como membros de um determinado grupo.

Neste sentido, o modo como a criança percebe que é reconhecida pelos colegas, de maneira coletiva ou como indivíduo, interfere nas suas interpretações em relação a ela mesma. Pode ocorrer que o desempenho de meninos e meninas na escola esteja relacionado com a posição, que eles acreditam que homem e mulher ocupam na sociedade e, assim, podem acabar reproduzindo um modelo social discriminatório. As referências obtidas no contato com familiares e outros adultos podem interferir nas construções da criança quanto aos estereótipos, os pré-conceitos, as relações de poder referentes ao gênero, gerando situações de desigualdade produzidas no interior da escola, que prejudicam não só o indivíduo, mas também dificultam a forma como ele se relaciona com os demais. Considera-se a hipótese de que o professor tem um papel significativo na construção das identidades de gênero, podendo problematizá-las ou reproduzi-las.

### **Contextualizando a Pesquisa: caminhos percorridos**

De acordo com Bujes (2002), a pesquisa nasce de uma preocupação com alguma questão, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis. Nesse contexto, a pesquisa que aqui será descrita parte de inquietações a respeito de como ocorrem as construções acerca das relações de gênero no contexto escolar, bem como aspectos das concepções, crenças e valores trazidos pela criança referentes às relações de gênero, buscando entender como tais aspectos podem se refletir nas suas identidades de meninos e meninas.

Nesse contexto, a pesquisa qualitativa foi entendida como o melhor modo para buscar compreender o significado e a dimensão das falas, percepções e atitudes das crianças que estão construindo suas representações sobre as relações de gênero e interagindo no ambiente escolar.

A realização desta pesquisa conta com um processo de investigação e de ação de forma concomitante. Para tanto foi utilizada a observação participante, visto que o objeto da pesquisa consiste em contar, a partir do contato com as situações vividas pelas crianças frente às relações de gênero no contexto escolar, com o envolvimento das crianças para o desenvolvimento e análise dessas situações, realizando um processo coletivo. Considerando a abordagem qualitativa, o processo e os significados serão os aspectos considerados ao longo da pesquisa.

A observação participante se caracteriza pelo contato direto e prolongado com os sujeitos e os contextos da pesquisa, considerando a participação e a interação do pesquisador, que se dará de forma reflexiva frente ao observado. Por meio deste processo é que se viabiliza o desenvolvimento da situação pesquisada. No caso da realização da pesquisa aqui delineada, anotações e registros.

Ou seja, o processo ocorre de acordo com o envolvimento e interação entre o pesquisador e os componentes da situação investigada.

Brandão (1999) propõe que a construção do conhecimento aconteça de forma coletiva, onde pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum ainda que com situações e tarefas diferentes.

Para tanto, é preciso envolvimento, comprometimento diante da realidade pesquisada. É preciso pensar, agir, refletir. Não basta relatar, descrever e analisar um contexto como algo que se pode quantificar. Pois, ao se envolver com a realidade pesquisada o pesquisador precisa ter como objetivos, mais do que apenas descrever uma realidade estudada.

A complexidade que envolve esse processo consiste em um longo percurso, que pode trazer diversas contribuições, indo além da tentativa de encontrar somente respostas. Pois, segundo com Oliveira e Oliveira (1999):

Quanto mais nos fechamos dentro de um quadro teórico rígido, mais veremos as respostas se limitarem a confirmar ou desmentir as hipóteses iniciais sem, contudo, abrir brechas ou espaços para a elaboração de outras hipóteses (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1999, p. 29).

Neste caso, todas as informações são pertinentes, pois muitas vezes, não é unicamente aquilo que é dito explicitamente que é significativo. Frequentemente, segundo Oliveira e Oliveira (1999), é por meio de dobras dos discursos que se esconde a ambiguidade e a contradição entre o pensar e o agir. Nesse sentido, torna-se extremamente importante traçar caminhos de busca e reflexão sobre a realidade.

Não cabe, portanto, neste contexto a neutralidade, como se o pesquisador fosse alguém alheio ao processo que está se construindo. É preciso preocupar-se em buscar compreender o que acontece na realidade, interpretando os significados e sentidos sobre o contexto que se busca investigar.

É importante que o pesquisador se insira aos poucos, de forma que seja aceito pelo grupo, que a sua presença não seja sentida como a presença de um intruso, visto como um estranho que desperta desconfiança e insegurança. Para Oliveira e Oliveira (1999) o pesquisador é sujeito social, considerando que as ações humanas modelam e transformam a sociedade da qual este faz parte, sendo impossível pensar uma separação entre o pesquisador e o seu objeto de pesquisa:

Dentro dessa relação de interação, não há mais lugar para um pesquisador separado de seu objeto de pesquisa. O pesquisador é um homem ou uma mulher como uma inserção social determinada e com uma experiência de vida e de trabalho que condicionam sua visão do mundo, modelam o ponto de vista a partir do qual ele ou ela interagem com a realidade (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1999, p. 24).

A convivência e participação tornam-se fundamentais diante da metodologia vista como melhor caminho para compreender a realidade pesquisada, que neste caso compreende o contexto escolar, bem como os discursos e práticas produzidas e reproduzidas que circulam neste ambiente tratando de questões relacionadas ao gênero.

Dessa forma, a abordagem da pesquisa não se limita a pretensão de um conjunto de conhecimentos comprovados e objetivos produzidos por métodos rigorosos e supostamente neutros.

Neste caso, a análise e a reflexão ocorreram por meio de atividades direcionadas às crianças, como jogos e brincadeiras.

Os métodos de procedimento utilizados na elaboração desta pesquisa consistem na observação e na produção de um diário de campo. Dessa forma, as narrativas construídas no diário foram analisadas a partir do referencial teórico de gênero.

O primeiro foi utilizado em razão das informações que se pode analisar sem que haja grandes interferências no cotidiano dos alunos, considerando a possibilidade de entender como e porque as situações se realizam.

O diário de campo por sua vez foi utilizado para reunir e registrar relatos de situações reais e significativas para o levantamento de hipóteses em relação ao objeto de pesquisa. Considerando como foco o ponto de vista e as contribuições das crianças para a elaboração dos registros.

As situações e reflexões aqui desenvolvidas servem como forma de desencadear um processo reflexivo sem, contudo, serem prescritivas. De forma que, “(...) é preciso reconhecer que há muito mais procuras, ensaios e perguntas, do que respostas. (BRANDÃO, 1999, p. 9)”. Considerando-se, portanto, que o interesse maior encontra-se no processo e não, unicamente, na busca por respostas, certezas ou resultados fechados.

### **A Importância do Espaço Escolar nas relações de Gênero e Formação de Identidades**

Considerando o estudo realizado, dificilmente poderiam ser apontados resultados precisos e conclusivos. Porém, o processo de reflexão que se desencadeou ao longo desta pesquisa nos leva a pensar que tratar sobre gênero e identidade merece atenção especial quando se trata do ambiente escolar, pois a relação entre o pensar, sentir e agir, é o que constitui a base do desenvolvimento da identidade (OLIVEIRA, 1996). Espera-se que os relatos e as reflexões aqui expostas sirvam como forma de refletir, discutir, contribuir no entendimento de outro olhar acerca das relações de gênero. No sentido de que o conceito de gênero não restringe a perspectiva biológica, mas como parte constituinte da identidade dos sujeitos, identidade essa que não se apresenta como fixa e permanente, mas que passa por processos de construção e transformação contínua.

Com base nas observações, vivências, experiências e reflexões desencadeadas durante o período de realização desta pesquisa, em que estive inserida no espaço escolar, buscando perceber de que forma se passavam as questões ligadas ao gênero, serão apresentadas algumas situações, marcantes, que foram presenciadas e posteriormente analisadas.

#### **”Menina não se comporta assim!”**

Certa vez a professora levou a turma para a pracinha e enquanto muitos e muitas se divertiam nos brinquedos, um grupo de meninos brincava de lutinhas. Uma das meninas se aproximou do grupo e entrou na brincadeira. Logo a menina foi chamada pela professora que se manifestou com as seguintes palavras: *“Se os meninos te machucarem depois não adianta chorar, nem reclamar. Menina não se comporta assim, não fica brincado de se bater”*.

#### **“Ninguém foi bem na prova! NEM AS MENINAS?”**

Durante uma das observações, a professora ao entregar as provas comenta: *“Estou muito triste com vocês, ninguém foi bem na prova”*. Um dos meninos questiona a professora: *“Nem as meninas profe?”*.

### **“Todo o menino deveria gostar de jogar futebol”**

Presenciei durante um momento de brincadeira na quadra da escola, ao fim da aula, uma situação em que um menino ficou sentado sozinho apenas observando os colegas nas suas brincadeiras. Percebendo o seu isolamento, perguntei a criança se ela não gostaria de brincar, a resposta foi: *“Não, porque estou cansado”*. Enquanto as meninas conversavam, dançavam e cantavam os meninos jogavam bola. Quando um dos meninos que estava jogando bola passou por mim, perguntei a ele porque não convidava aquele colega para brincar e obtive a seguinte resposta: *“Não gosto dele. Ele não gosta de jogar futebol. Todo o homem deveria gostar de jogar futebol”*.

### **“Rosa não é cor de menino”**

Em um dia chuvoso, com poucas crianças em sala de aula, decidimos brincar com um jogo de quebra-cabeça. Alguns dos quebra-cabeças retratavam a imagem de um porco de terno azul, gravata e chapéu, enquanto outros retratavam a figura de uma porca com um vestido cor-de-rosa.

Decidi distribuir aleatoriamente os quebra-cabeças montados para que as crianças desmontassem e montassem novamente.

Um dos meninos ao perceber que havia ficado com a figura da porca para montar manifestou-se recusando o jogo: *“Não, esse é rosa. É de menina”*. Tentei dialogar com a criança, explicando que não teria problema, pois o rosa é uma cor que todos nós podemos usar nas roupas, nos nossos trabalhos da escola, nos brinquedos, não havendo diferença se for menino ou menina quem vai usar. Ele novamente me olhou e respondeu: *“Rosa não é cor de menino”*.

### **“ELA quer jogar bola!”**

Em um bonito dia de sol e calor, quando o fim da aula estava se aproximando, eu e a professora regente da turma levamos as crianças para o gramado da escola, onde foi disponibilizada uma bola para que a turma brincasse. Os meninos logo decidiram que iriam jogar futebol com a bola. Grande parte das meninas sentou no gramado e outras brincavam de roda cantando alegremente, desconsiderando a bola oferecida para a brincadeira naquele momento. Assim, que os meninos começaram a jogar futebol uma das meninas correu para jogar junto. Um dos meninos reagiu com uma expressão que interpretei como uma indignação

que ele não pode conter e acabou verbalizando na sua reclamação: “*Profe ELA quer jogar bola*”.

É possível compreender, dessa forma, que os discursos e práticas que circulam o meio em que estamos inseridos acabam classificando e separando ações e comportamentos como próprios do sexo feminino ou masculino desde muito cedo. Inclui-se, dentre estas distinções a escolha das cores, roupas, brinquedos e brincadeiras, que se incorporam em seus comportamentos e modos de pensar.

Ao analisar tais situações torna-se possível perceber que quando um determinado comportamento não corresponde às expectativas, a aquilo que se define como o normal, ou seja, ao estereótipo previsto para determinado sexo, o comportamento da criança passa a ser considerado como fora do normal, diferente e precisa de correção. Isso nos permite perceber que a cultura é discriminatória e a sociedade cria as suas verdades, estabelecendo o que pode ser aceito ou não. Assim, são construídas diferenças e identidades sustentadas por tais verdades. É dessa forma, que se criam formas de controlar os corpos e ações desde muito cedo.

Sendo assim, aqueles que apresentam atitudes não compatíveis com o que lhes foi apresentado como forma correta de ser e agir são vistos como os alunos problema pelos professores e os colegas indesejados pelos demais. Louro (1998), a respeito das relações estabelecidas no espaço escolar, manifesta-se provocando reflexões:

Afinal, é “natural” que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que “naturalmente” a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? É de se esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão “características” de cada gênero? (LOURO, 1998, p.64).

Nesse contexto, as práticas e atitudes do professor são extremamente importantes na construção de referências das crianças, de forma que podem acabar reforçando, muitas vezes, aquelas representações que estão sendo construídas também em outros espaços ao invés de questioná-las e problematizá-las.

### **Considerações Finais**

Pensar e problematizar a respeito do contexto escolar se apresenta como uma prática muito importante, se considerarmos este espaço como um dos principais lugares de construção dos saberes da criança, incluindo as construções das identidades e, conseqüentemente, das diferenças.

É preciso alertar para o fato de que as palavras e as ações que são dirigidas às crianças produzem significados e criam realidades. Portanto, palavras são mais que simplesmente palavras.

Diante das situações, presenciadas nas escolas, descritas acima, pode-se perceber que os padrões considerados ideais aparecem por meio de discursos e instituição de normas desde a infância.

Nesse contexto, torna-se importante perceber o quanto o meio em que se vive é importante nesse processo de identificação, pois, quando na escola são disseminados discursos em que se diz implícita ou explicitamente o esperado para o comportamento de meninas e para o comportamento de meninos, estabelecendo o que se pode e o que não se pode, vão sendo construídas idéias de feminino e masculino como pólos opostos, de maneira hierárquica, classificando e dividindo os que não correspondem às expectativas determinadas pelo regime de verdade adotado pela sociedade.

Ao longo das situações descritas e analisadas, foi muito importante considerar como as professoras, que participaram deste estudo, pensam e agem frente as relações de gênero, principalmente, nas interações entre meninos e meninas. As expressões, atitudes, falas tanto das crianças quanto das professoras foram contempladas. Isto se deve ao fato de que a partir das concepções e práticas dessas professoras é que podem ser reforçados estereótipos quanto ao masculino e ao feminino ou pensadas outras formas de orientar construções sobre as questões de gênero e as relações que se estabelecem.

Espera-se que os relatos e as reflexões aqui expostas sirvam para contribuir no entendimento de outro olhar acerca das relações de gênero, no sentido de que o conceito de gênero não restringe a perspectiva biológica, mas uma construção sócio-cultural que interfere no processo constituinte da identidade dos sujeitos, identidade essa que não se apresenta como única, coerente e permanente, mas que passa por processos de construção e modificações contínuas.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar-Participar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) **Pesquisa Participante**. – São Paulo: Brasiliense, 1999. Cap. 1.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Cap. 1.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante: saber pensa e intervir juntos**. Brasília, Editora Liber Livro, 2004.

FREIRE, Sandra Ferraz de Castillo Dourado. A perspectiva das crianças sobre questões de gênero na escola. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS. v. 40, n.2, p.184, abr./jun. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall ; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MATOS, Seris de Oliveira. **A construção de representações sobre o corpo na sociedade e o papel da escola na desconstrução dos padrões impostos**. – 2007. Dissertação de Mestrado, Curso de Ciências Biológicas, UFSM, Santa Maria.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global**. – 1. ed., Editora Feltrinelli, 2004.

OLIVEIRA, Sonia Grubits Gonçalves de, **A Construção da Identidade Infantil: A sociopsicomotricidade Ramin-Thiers e a ampliação do espaço terapêutico** / Sonia Grubits Gonçalves de Oliveira. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1996.